

**UM ESTUDO DAS RELAÇÕES COMERCIAIS EM GRANJA NOS SÉCULOS
XIX E XX ATRAVÉS DE SUA DOCUMENTAÇÃO**

Autora: Vera Lúcia Silva

Graduanda em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA e bolsista da
Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico –
FUNCAP.

E-mail: perolauvaestrelas@hotmail.com

O documento é o instrumento privilegiado do historiador, seja como suporte material da pesquisa, seja como a fonte de interpretação. O seu uso assumiu diferentes conceitos ao longo do processo histórico, na noção tradicional, acentuada pelos historiadores positivistas, que defendia o lado empírico e abstrato das testemunhas, o documento, como diz Marcos Antônio, é “a expressão irredutível do ‘fato’”¹, é “o espelho da realidade e a prova irrefutável de uma investigação equivalente a um dossiê de processo-crime”². Assim adota-se uma atitude de respeito quase místico da peça documental e o historiador é reduzido “a mero copista, sacerdote do passado e funcionário especializado na coleta e organização de fontes (de preferência as ‘inéditas’)”³. Neste caso os documentos oficiais são considerados verdadeiros testemunhos do passado, como verdades inquestionáveis.

A segunda noção contrapõe à primeira, valorizando o documento em caráter de exemplo ou amostragem, perde o significado global, pois dar “interesse em estabelecer interpretações, sínteses, impressões e abstrações sobre fatos e acontecimentos”⁴. Nessa perspectiva, “o documento é apenas relato confirmando um conhecimento que se faz fora dele, e destacando-se a figura do historiador que escolhe e julga sobre os temas que devem interessar no passado”⁵.

Ambas as noções consagram uma visão do passado segundo a posição dos vencedores. A primeira ressoa mais visivelmente os ecos conservadores, a outra perpetua de forma sutil e recria em ciclos recorrentes a memória dos vencedores, pois é

fundamentada na separação sujeito/objeto. A *Escola dos Annales*, representada por Lucien Febvre e Marc Bloch, provoca uma mudança no conceito de fonte histórica, rompendo com a história tradicional e determinista, propondo uma renovação na produção historiográfica. É partir desse movimento que o documento passa a ser visto e utilizado de maneira crítica, incluindo também a memória do povo e não apenas da elite; o documento passa a ser questionado e interpretado sobre outro prisma, ele não é neutro e não apresenta um conhecimento pronto e acabado sobre dado fato ou acontecimento. Circe Bittencourt nos alerta que para compreender o documento é necessário que se faça uma análise dele como sujeito de uma ação e também como objeto, formulando os três níveis de indagação propostos pelo historiador Adalberto Marson:

1°.) *sobre a existência em si do documento*: o que vem a ser o documento? O que é capaz de nos dizer? Como podemos recuperar o sentido deste seu dizer? Por que tal documento existe? Quem o fez, em que circunstâncias e para que finalidade foi feito?

2°.) *sobre o significado do documento como objeto*: o que significa como simples objeto (isto é, fruto do trabalho humano)? Como e por quem foi produzido? Para que e para quem se fez esta produção? Qual é a relação do documento (como objeto particular) no universo da produção? Qual a finalidade e o caráter necessário que comanda sua existência?

3°.) *sobre o significado do documento como sujeito*: por quem fala tal documento? De que história particular participou? Que ação e que pensamento estão contidos em seu significado? O que o fez perdurar como depósito da memória? Em que consiste seu ato de poder? (Marson, 1984, p. 52)⁶.

Desta forma procura-se analisar os elementos intrínsecos do documento. Este não pode ser estudado de forma isolada, pois está relacionado a outros que ampliam o seu sentido e permitem uma aproximação da realidade. É necessário questioná-lo com um olhar caleidoscópico para não correr o risco de obter uma visão reducionista e preconceituosa do que ele está tratando.

Como já discutido por Marco Antônio, Circe Bittencourt também coloca que os documentos são a fonte principal do ofício do historiador, a matéria-prima por intermédio da qual escrevem a história. É com base no pensamento desses dois autores que desenvolvo um estudo das relações comerciais através dos documentos das firmas

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

Carvalho Motta & Irmão, Ignacio Xavier & Cia e José Xavier, em atividade no início do século XIX até a década de 1980 do século XX, no município de Granja, na região Noroeste do Estado do Ceará, estabelecendo um diálogo interdisciplinar entre a História e as Ciências Contábeis, as Ciências Econômicas, a Administração e a Estatística.

A Análise aqui desses documentos é feita de forma questionadora, qualitativa e busca demonstrar a importância do diálogo entre várias áreas do saber no estudo do processo histórico ao qual estão inseridas tais firmas, vez que como os documentos as ciências se complementam e permitem uma aproximação da realidade. Destaco a importância da utilização deles como fonte histórica, vez que no *locus* das trocas comerciais que abarca a pesquisa ele ainda não é de uso comum.

Os documentos usados no estudo estão arquivados no Núcleo de Estudos e Documentação da História Regional – NEDHIR do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. São mais de 30 naturezas diferentes, dentre elas Cartas e Facturas, Facturas, Telegramas, Diários, Razão, Livro Caixa, Contas Correntes, Contas de Venda, Balanço, Borradores, Recibos, Registros de Entradas e de Saídas de Mercadorias.

Através da leitura de diversas cartas, fundamentada em algumas obras de história econômica, como, por exemplo, *História econômica do Brasil*, de Caio Prado Júnior; *Formação econômica do Brasil*, de Celso Furtado e *História econômica do Ceará*, de Raimundo Girão podemos perceber *o que, para onde, com quem* comercializava as firmas comerciais de Granja, *que meio de transporte* usava para as mercadorias, para, a partir de então, compreendermos as relações comerciais do período.

As mercadorias comercializadas em Granja, por exemplo, em 1890 e 1891, por Carvalho Motta & Irmão, eram, em grande parte, importadas de outros Estados brasileiros, como Maranhão, Pernambuco, Pará e Rio de Janeiro; de cidades européias e norte-americanas como Paris, Londres, Hamburgo, Manchester, Liverpool e New York. Eram transportadas por navios como “Deus te Guie”, de Pernambuco, Vapor Granjense, do Ceará, Vapor Ambroze, de Paris, e Cabral; por barcaças, onde podemos destacar a “Carolina” e por trem.

O comércio entre Carvalho Motta & Irmão e L. Lartigue & Cia (Paris), Secling & Watty (Hamburgo), Gunston, Sons & Cia (Liverpool), W. H. Crossman & Brio (de

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

New York) que exportavam, principalmente, produtos industrializados como tecidos (fazendas), porcelanas, querosene (kerozenne) e cachimbos, demonstram a dependência da região a essas mercadorias do exterior, fruto da colonização do país. Já nas relações nacionais, observamos a predominância de perfumaria, farinha, chá verde, chumbo através dos senhores Maia Sobrinho & Cia (Maranhão); algodão de Moreira & Saraiva (do Maranhão); agulhas, fios, linha, lançadeiras, borracha, molas da Max: Nothmann & Cia (do Rio de Janeiro). No comércio local, destacamos o intercâmbio de Granja com Fortaleza, Sobral, Camocim, Massapê e Palma (hoje Coreaú). Quanto às exportações, notamos a presença da cera de carnaúba e jaborandi para Hamburgo e Paris.

É notável a importância da firma Carvalho Motta & Irmão (fundada em 1808 e funcionando até 1899) para o comércio do município de Granja, assim como da região Noroeste do Estado, uma vez que funcionava como entreposto entre a sociedade granjense e de outras cidades do Ceará, na compra de produtos do mercado externo. Outros fatores que podemos analisar são a oscilação dos preços das mercadorias e a exigência dos consumidores por produtos de boa qualidade, chegando a muitos casos a devolvê-los quando não atendiam tais exigências:

Aguardando a remessa das 6 barricas de cigarros amarelos de nosso pedido, de conformidade com nossas instruções, afim de não haver o embarço, que já se deu com a ultima remessa que fizeram, e de que já deveria estar ciente por nossa citada carta. Como lhes dissemos na mesma, abaixo damos a nota das despesas que faremos com as 6 barricas de cigarros devolvidas, por não terem Vm^{ces}. observado as instuções que lhes demos⁷.

O conteúdo dos materiais pesquisados nos informa sobre a dinâmica sócio-econômica existente, evidenciando a atuação dos sujeitos no mundo do trabalho. As trocas comerciais se davam basicamente de produtos do extrativismo vegetal por industrializados, o que favorecia o mercado internacional. Através disso é possível perceber uma forte importação do algodão maranhense e um consumo grande de tecidos, cachimbos, charutos, querosene do exterior. Chamamos atenção para a grande demanda desse último elemento, a qual se justifica pelo fato da iluminação elétrica não ter ainda chegado à zona Noroeste do Estado.

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

As relações econômicas que se davam entre Granja e outras cidades ou Estados brasileiros, européias e norte-americanas ao mesmo tempo em que diversificavam o comércio local, não geravam muito lucros para a primeira, uma vez que comprava mais do que vendia para o mercado externo, além de exportar produtos primários e importar industrializados que eram bem mais caros. Constatamos assim a dependência econômica da região às metrópoles comerciais, mesmo após a Proclamação da República, em 1889.

Para compreendermos o cotidiano dessas relações comerciais é interessante observar, por exemplo, a importação da pólvora de Pernambuco:

Retiramos a factura dos 20 barris de pólvora de nosso pedido na imp^a. de R\$ 400:000 para desconto, cuja pólvora recebemos em Sobral do Snr. Antonio Regino do Amaral., exigindo este amigo a despeza de transp^e. do Camocim p^a. aquella cidade, ao que recusamos pagar visto que não precisaremos de pólvora ali e sim n/ cidade para onde lhes pedimos⁸.

Essas fontes demonstram o trajeto das mercadorias, passando por várias cidades até chegar a seu destino e o envolvimento das pessoas no intercâmbio. É interessante ressaltar a importância da cidade de Camocim em virtude do seu Porto que recebia os produtos diretamente de outras cidades/Estados litorâneos do Brasil e da Europa e de Sobral por meio da estrada de ferro que abastecia as cidades vizinhas.

Elementos como esses percebidos nos documentos da firma Carvalho Motta & Irmão (1803-1899), também são encontrados nas firmas Ignacio Xavier & Cia (1900-1931) e José Xavier (1936-1985). Além desses podemos destacar diversos documentos, tais como telegramas enviados a outras firmas para a compra ou venda de mercadorias; livros de Contas Correntes que tinham por finalidade o registro das compras e vendas a prazo com os respectivos pagamento e recebimento; pastas contendo cadastros de trabalhadores na “Sul América” Companhia Nacional de Seguros de Vida; livro de atas da fundação da Associação dos Produtores de Cera da Carnaúba de Granja; registros de estoques de mercadorias. Tais fontes demonstram a diversidade da clientela.

O Borrador também era de uso frequente. Esse nome era dado a um livro que servia de rascunho prévio para os registros a serem, posteriormente, transcritos no

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

Diário. Esta prática visava atender ao primeiro Código Comercial Brasileiro que proibia rasuras, emendas e borraduras no Livro Diário, como forma de inibir possíveis fraudes. Contém três colunas: a primeira, destinada ao fólio⁹; a segunda, a valores parciais; e a terceira, a valores totais.

Vários outros documentos das firmas podem ser explorados no estudo dessas relações comerciais. Ênfase a acontecimentos como a Primeira Guerra Mundial, no caso de Ignacio Xavier & Cia, e a Segunda Guerra Mundial, de José Xavier, que afetaram a economia da região, causando uma crise nas firmas, em virtude do intercâmbio com a Europa e a América do Norte. As oscilações de preços dependiam muito do fator externo. A influência de Carvalho Motta, Ignacio Xavier e José Xavier na região é muito forte durante o período de atividade de suas respectivas firmas, vez que não interferiam apenas nos aspectos econômicos e sociais, mas intervinham também no político.

Inúmeras fontes documentais podem ser usadas pelo historiador a fim de que este possa construir novas dimensões na compreensão do(s) passado(s). Nesse sentido, o conteúdo desses documentos mostra a dinâmica sócio-econômica existente na sociedade granjense dos séculos XIX e XX, evidenciando a atuação dos sujeitos no mundo do trabalho e em outras esferas da vida em sociedade.

NOTAS

¹ SILVA, Marco Antônio. **Repensando à história**. 5 ed. São Paulo: Marco Zero, 1994, p.51.

² Idem.

³ Ibidem.

⁴ SILVA, Marco Antônio. **Repensando à história**. 5 ed. São Paulo: Marco Zero, 1994, p.52.

⁵ Idem.

⁶ BITTENCOURT, Circe Ma. Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004, p. 332.

⁷ UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ – UEVA. Núcleo de Estudos e Documentação da História Regional – NEDHIR. **Copiador de Cartas e Faturas**. Caixa 02, 1890-1891, p. 33.

⁸ UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ – UEVA. Núcleo de Estudos e Documentação da História Regional – NEDHIR. **Copiador de Cartas e Faturas**. Caixa 02, 1890-1891, p. 36.

⁹ Fólio é o número da página do livro Razão para foi transferido o registro com seu respectivo valor, consignado no Borrador.

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BITTENCOURT, Circe Ma. Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004, p. 332.
- FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 19 ed. São Paulo: Editora Nacional, 1984.
- GIRÃO, Raimundo. **História econômica do Ceará**. Fortaleza: UFC, 2000.
- PRADO JÚNIOR, Caio. **História econômica do Brasil**. 43 ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- SILVA, Marco Antônio. **Repensando à história**. 5 ed. São Paulo: Marco Zero, 1994.
- UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ – UEVA. Núcleo de Estudos e Documentação da História Regional – NEDHIR. **Copiador de Cartas e Faturas**. Caixa 02, 1890-1891.
- XAVIER FILHO, José. **Ignácio Xavier & Cia**. Granja: IJX, 2008.